

Artigo / Article

# Amuletos da criação: a correspondência entre Lygia Fagundes Telles e Rachel de Queiroz e seu papel na inserção das mulheres na literatura brasileira

*Amulets of creation: the correspondence between Lygia Fagundes Telles and Rachel de Queiroz and their role in the insertion of women in Brazilian literature*

Angela das Neves 

Universidade de São Paulo, Brasil

angeladasneves@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0001-6726-1967>

Recebido em: 18/05/2024 | Aprovado em: 19/11/2024

## Resumo

A correspondência das escritoras Lygia Fagundes Telles (1923-2022) e de Rachel de Queiroz (1910-2003), hoje preservada no acervo literário do Instituto Moreira Salles e pouco conhecida no meio acadêmico, apresenta um interesse particular para seus estudiosos e para o estudo da carta enquanto manuscrito literário. Os documentos aqui transcritos e analisados propiciam uma abordagem profunda no pensamento íntimo de Lygia Fagundes Telles e suas reflexões sobre a criação e a vida literária. Seu diálogo com Rachel de Queiroz, que pode ser lido em bilhetes, cartões-postais e telegrama, enviados entre os anos 1980 e 2000, revela em filigrana as escolhas lygianas e permite ver a mensagem constante, trocada entre as duas autoras: a necessidade de inserção e afirmação da mulher de letras, num espaço majoritariamente ocupado e orquestrado por homens. O papel das duas autoras no cenário modernista brasileiro e questões que envolvem sua iniciação na literatura e na Academia são alguns dos assuntos discutidos neste artigo.

**Palavras-chave:** Epistolografia • Escritos de autoria feminina • Literatura Brasileira

## Abstract

The correspondence between writers Lygia Fagundes Telles (1923-2022) and Rachel de Queiroz (1910-2003), currently preserved in the literary collection of the Moreira Salles Institute and little known in academic circles, holds particular interest for scholars and for the study of letters as a literary manuscript. The documents transcribed and analyzed here offer a profound insight into the intimate thoughts of Lygia Fagundes Telles and her reflections on literary creation and life. Her dialogue with Rachel de Queiroz, found in notes, postcards, and telegrams sent between the 1980s and 2000s, subtly reveals Lygia's literary choices and highlights the constant message exchanged between the two authors: the need for the inclusion and affirmation of women in literature, in a space predominantly occupied and orchestrated by men. The role of both authors in the Brazilian modernist scene, as well as issues related to their initiation into literature and academia, are some of the topics discussed in this article.

**Keywords:** Epistolography • Women's Writings • Brazilian Literature

## O arquivo literário das duas escritoras

*[...] les archives personnelles constituent toute une série d'activités aux multiples embranchements qui dessinent l'horizon des subjectivités en prise avec le social. Elles dessinent une cartographie hachurée des rapports de pouvoirs, le travail de la subjectivité obstinée dans le jeu de l'extériorité<sup>1</sup>*  
(Artières; Laé, 2011, p. 140)

Praticante assídua de diversos gêneros de carta, da carta literária à carta coletiva, do cartão-postal ao bilhete, da carta oficial à íntima, Lygia Fagundes Telles (1923-2022) apresenta um domínio da prática epistolográfica, de que são exemplares os documentos inseridos em sua *memorabilia* guardada no Instituto Moreira Salles (IMS) desde 2004. Assim como outros colegas e correspondentes diletos da escritora paulista, como a cearense Rachel de Queiroz (1910-2003) e o gaúcho Erico Verissimo (1905-1975), seu acervo reúne centenas de cartas e objetos com elas portados, como livros, fotografias, manuscritos e originais, que circulavam entre seus amigos e leitores. Como numa cartografia pessoal, esses objetos dão alguma medida dos espaços sociais e dos momentos ocupados pela escrita literária na vida desses autores, suas relações de amizade e suas escolhas profissionais.

Além dos registros desses arquivos, interessa-nos analisar comentários sobre o gênero epistolar e testemunhos de escritores que com ela conviveram, aqui, em particular, Rachel de Queiroz, deixados em crônicas e livros de memórias publicados em momentos diversos de sua

---

<sup>1</sup> “[...] os arquivos pessoais constituem toda uma série de atividades com múltiplos entroncamentos que desenham o horizonte das subjetividades vinculadas com o social. Elas desenham uma cartografia hachurada das relações de poderes, o trabalho da subjetividade obstinada no jogo da exterioridade.” (Todas as citações foram traduzidas pela autora do artigo.)

convivência com a autora de *As meninas*. A correspondência de Lygia mostra os dilemas longamente enfrentados por alguém de inteira habilidade com as palavras, trabalho a que se dedica por vocação, mas que não toma por algo fácil ou simples.

Se a produção de Rachel de Queiroz como ficcionista é muito prolífica, contando sete romances, mais de duas mil crônicas, contos, teatro, literatura infantil, entre outros, sua produção epistolográfica é reduzida e, nos arquivos consultados, não tem por destinatária a amiga paulista. “Como eu nunca escrevo cartas, pouco as recebo também”, afirma a escritora cearense em *Tantos anos*, livro de memórias escrito junto com sua irmã, a jornalista Maria Luíza de Queiroz (Queiroz; Queiroz, 2004). No entanto, em depoimento feito em 1985, ela comentou sobre seus laços de amizade com Lygia e o fato de pouco se verem, tendo em vista que Rachel morava no Rio; para ela “a cada reencontro, promovemos aquela recuperação e, afinal de contas, nós duas sabemos ler e escrever e trocam-se mensagens escritas” (Queiroz, 1985, p. 6). A correspondência entre as duas escritoras aqui em estudo é, pois, uma forma de marcar sua existência, mostrarem-se vivas e atuantes, num incentivo mútuo ao trabalho com a palavra. É possível que o corpus desse diálogo por cartas fosse maior do que o hoje estimado. No acervo de Rachel de Queiroz no IMS, formado em 2006,<sup>2</sup> hoje permanecem apenas dez textos da escritora paulista à amiga cearense, escritos entre 1982 e 2003. Dos documentos que restaram nesse acervo, há cartões-postais, bilhetes, telegrama, com o predomínio das mensagens curtas, guardadas como registro de uma amizade de longa data, que provavelmente deve ter sido objeto de outros documentos, que o tempo, viagens e desejos momentâneos não permitiram manter no arquivo pessoal das autoras. Estes exemplares que ficaram, por vontade das escritoras, como amuletos de um tesouro particular, permitem recordar com prazer as palavras de amizade, incentivo, consolo ou apoio e constituem lembranças guardadas de momentos vários, na expectativa de manter a memória de acontecimentos e de conquistas em comum. Representações, fragmentos e objetos da realidade, que mantêm viva na imaginação a expectativa de tempos melhores, por exemplo, com a chegada de mais escritoras no Modernismo brasileiro e na Academia Brasileira de Letras, conforme esperava Rachel, sua pioneira.

Se Rachel inaugurou a “chacrinha das mulheres” (Queiroz, 1985, p. 6)<sup>3</sup> na ABL, como era de seu desejo, logo novas escritoras vieram a elas se juntar. Desse modo, a romancista de *Memorial de Maria Moura* não só se afirmou nos círculos até então masculinos do cenário literário, como trouxe para suas sendas outras representantes.

---

<sup>2</sup> O acervo, que contém livros, fotos, correspondência e outros documentos, foi vendido pela família da escritora ao IMS em 2006, instituição que passou a ser responsável pela guarda e conservação de seu arquivo pessoal. Ver Gonçalves Filho (2006).

<sup>3</sup> Lembramos que Lygia foi a terceira a integrar a ABL, antecedida por Dinah Silveira de Queiroz, que, no momento deste depoimento de Rachel, já havia falecido.

[...] Rachel era pioneira, dava prosseguimento a uma carreira ícone da afirmação das mulheres no cenário nacional. É importante lembrar que Rachel foi a única escritora mulher aceita como representante do movimento modernista. Foi uma mulher que escolheu e determinou seu destino afetivo, existencial, literário, profissional, político. Foi uma mulher que viveu de e para o ofício de escrever. Uma mulher que secundava a trajetória, ainda que menos vitoriosa, de muitas de suas heroínas (Hollanda, 2005, p. 26).

A correspondência de Lygia para Rachel apresenta diversos intervalos, em geral de poucos anos, muitas vezes preenchidos por encontros de escritores, em viagens ou na ABL, registrados em outros veículos (jornais, crônicas, fotos). Essas cartas mostram não somente a afeição e a amizade entre as duas escritoras, mas a importância de afirmar sua permanência nos espaços sociais que ocupam. Nas breves mensagens aqui reunidas, Lygia parabeniza a amiga por prêmios, publicações, desabafa fazendo a crítica sobre algum articulista, divaga sobre a condição humana, mas também compartilha histórias familiares, fala de enfermidades, envia suas condolências e lamenta a perda de amigos em comum. Envia-lhe páginas de escritos seus ou simplesmente escreve apenas para dizer que telefonou, comunicar que é primavera e mandar-lhe um beijo. De Lisboa, São Paulo ou do Rio, Lygia endereça-se sempre à Rachel no Leblon, onde a escritora, tradutora e jornalista cearense já estava instalada desde 1939.

Essa correspondência esparsa revela uma proximidade intelectual entre as duas prosadoras modernistas, atentas às dificuldades enfrentadas por serem mulheres. Nesses curtos textos, assim como pela leitura de suas crônicas, notam-se duas observadoras críticas de sua sociedade e de seu tempo, que emprestaram sua pena à tarefa de denunciar os conflitos de nossa humana condição. Forma de preencher as ausências, os escritos dedicados uma à outra (cartas, crônicas ou depoimentos) falam de maneira profunda do tempo interior, daquele oferecido à amiga (e a si mesma) e, por extensão, ao seu objetivo e paixão em comum, a literatura. Essa expectativa de preenchimento do tempo que passa, forma de superar a dor, demover do silêncio e refletir sobre o envelhecimento que nos assola (Arrou-Vignod, 1993), é de certa maneira atendida pela amiga que se faz presente, trazida com as cartas e os cartões-postais de Lygia para Rachel.

## 1 Seus primeiros encontros literários e a afirmação de seus lugares na literatura brasileira

Os depoimentos de Rachel de Queiroz, em artigos e crônicas nos jornais, confirmam que ela e Lygia se conheciam desde os anos 1940, quando a escritora paulistana lançou seu segundo livro de juventude, *Praia viva*, em 1944 (o primeiro, de 1938, foi *Porão e sobrado*). Nesse texto, Rachel ressalta a maestria de Lygia ficcionista, que se deixava ver já em seus primeiros textos e que se apurou com as obras de maturidade, assim como a sua arte para fazer e cultivar amigos.

Conheci Lygia Fagundes Telles no fim da década de 40, por ocasião do aparecimento de *Praia viva* – creio que seu primeiro livro de contos. Lygia era ainda uma menina e, além de todo o talento, já era linda. Chegava a ser covardia. O bom autor já nasce feito. Aperfeiçoa-se é claro, amadurece, mas o núcleo criador já está ali, íntegro. Na *Ciranda de pedra* e em *As meninas*, Lygia se revelou uma romancista de primeiro time. Mas creio que a sua vocação principal é o conto. Se no romance é ótima, no conto é melhor que ótima.

Nossa amizade começou com o primeiro conhecimento. Ela já era tudo isso que mostra hoje. Além de bonita e talentosa, como já disse, uma mulher de extrema sensibilidade, dona de um terrível bom gosto, quer literário, quer na apreciação de qualquer obra de arte. E um dom especial para conquistar e sustentar amizades através do tempo. Eu não sou um caso único entre os amigos dela.

Infelizmente, não temos um convívio constante. A gente só se vê nas visitas ocasionais de Lygia ao Rio e nas minhas mais ocasionais idas a São Paulo. Mas, a cada reencontro, promovemos aquela recuperação e, afinal de contas, nós duas sabemos ler e escrever – e trocam-se mensagens escritas.

Há também o telefone. Espero apenas que, conforme prometeu, Lygia venha passar uma boa parte do ano aqui no Rio (Queiroz, 1985, p. 6).

Se nesse depoimento, feito às vésperas da eleição de Lygia na ABL, Rachel valoriza a contista estreante, apesar de ter o conjunto da obra da paulista em vista, neste outro pequeno comentário sobre o lançamento de *Ciranda de pedra*, em 1954, a cronista, autora de *Caminho de pedras* (1937), faz uma breve apreciação sobre a jovem romancista:

Há também um importante livro de mulher: *Ciranda de pedra*, de Lygia Fagundes Telles, aquela menina tão bonita, cujas visitas recorro com amizade e ternura, dos tempos de seu livro de estreia – um caderno de contos que já mostravam a força poética e a riqueza de recursos da romancista vitoriosa de hoje (Queiroz, 1955, p. 98).

Mais de quarenta anos depois, em “A menina de São Paulo”, texto publicado em sua coluna “Cá entre nós”, no Suplemento Feminino de *O Estado de S. Paulo*, de 27 de abril de 1997, Rachel que, apesar de educada em colégio religioso, na idade madura se declarava ateuista, desabafa: “Deus Nosso Senhor foi bastante exagerado com Lygia: deu-lhe ao mesmo tempo os dons mais cobiçados pelos humanos: o talento e a beleza”. E então nos conta, nessa crônica de memórias, que se conheceram no Rio de Janeiro, após a publicação de *Ciranda de pedra*. A confusão de datas, se contrastada com o primeiro depoimento citado, é pouco relevante aqui, tendo em vista o teor da mensagem, as preferências que a autora de *O Quinze* revela quanto às suas leituras da obra lygiana e o próprio fato de a escritora paulistana considerar como o início de sua obra esse livro de maturidade (Queiroz, 1997)<sup>4</sup>.

Algumas constantes se repetem entre os três textos, ainda que Rachel situe em momentos diferentes seu primeiro encontro e mostre uma natural indecisão entre sua preferência entre a Lygia contista e a romancista. O talento e a beleza são, contudo, indicados desde o princípio. Esse reconhecimento, imediatamente feito por Rachel, de que além de uma bela mulher Lygia é uma excelente escritora, foi questionado por prognósticos machistas da época. Lygia observa, em crônicas e depoimentos, que era preciso convencer os primeiros

---

<sup>4</sup> *Verão no aquário* saiu em 1963 (e não 1964, como sugere a crônica de Rachel), portanto nove anos após *Ciranda de pedra* (e não onze).

avaliadores de seus textos de que era uma mulher quem escrevia. Se o prejulgamento continha preconceitos, logo foram superados pela jovem feminista (Telles, 2010, p. 91)<sup>5</sup>.

Rachel, quando moça no Ceará, sofreu preconceito semelhante ao de Lygia, pois atribuíam aos seus escritos a autoria masculina. Sobre seu livro de estreia, alguns críticos e escritores achavam que só poderia ter sido escrito por um homem. Entre outros, Graciliano Ramos, no fragmento a seguir, expôs seu pensamento sobre *O Quinze*, de Rachel, este sendo considerado o segundo romance regionalista do Modernismo brasileiro, publicado pouco após *A bagaceira*, de José Américo de Almeida:

*O Quinze* caiu de repente ali por meados de [19]30 e fez nos espíritos estragos maiores que o romance de José Américo, por ser livro de mulher e, o que realmente causava assombro, de mulher nova. Seria realmente de mulher? Não acreditei. Lido o volume e visto o retrato no jornal, balancei a cabeça: Não há ninguém com este nome. É pilhéria. Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbudo (Ramos, 1967, p. 140-142, *apud* Holanda, 2005, p. 15).

Mas além de Graciliano, estavam os que duvidavam categoricamente e, quanto a estes, Rachel desabafa ofendida, sobre os exageros patriarcalistas da época:

[...] quando *O Quinze* começou a pegar e a escreverem a respeito, ele [outro escritor da época] passou a espalhar, em notas assinadas com pseudônimo, que o livro não fora escrito por mim, mas talvez, por papai ou pelo escritor Beni Carvalho. Eu fiquei muito indignada – lembre-se de que era muito moça e aquele era o meu primeiro livro, meu primeiro êxito e eu estava muito alvorçada (Queiroz; Queiroz, 2004, p. 38).

Tanto Lygia quanto Rachel começaram a publicar seus escritos cedo, ainda na adolescência, com o auxílio financeiro da família; casaram com intelectuais conhecidos em seus círculos sociais, divorciaram-se e casaram-se novamente; sofreram a perda de seus únicos filhos – Rachel na juventude, Lygia na maturidade – e de seus companheiros. Mas, além de semelhanças biográficas, ambas tiveram uma trajetória profissional comum, que as colocava lado a lado nas colunas dos periódicos ou nas cadeiras de instituições culturais e o que aproximou a regionalista e cronista madura da jovem escritora da cidade. A José Olympio, casa editorial de Rachel de Queiroz, de 1937 a 1992, foi também a editora que publicou Lygia entre 1973 e 1977, tendo lançado por lá *As meninas* e *Seminário dos ratos*.

Lygia, que chama Rachel de “amiga e irmã” (v. carta de 9 de julho de 1986), atribui a ela o papel de sua madrinha na Academia Brasileira de Letras.<sup>6</sup> Para entrar nessa instituição patriarcal – formada sob o modelo francês, por quarenta membros do sexo masculino –, segundo

---

<sup>5</sup> Em carta de Porto Alegre, 24 jan. 1959, Erico Verissimo afirma: “De mulher v. tem só a grande sensibilidade rica de intuição. O resto é mesmo de homem e de homem *bom*”. O autor gaúcho explica-se, a partir de mesma opinião dada por sua amiga dos tempos de colégio: “Uma amiga nossa, a Luiza Rosenblatt, voraz e inteligente ledora, disse: ‘A Ligia escreve como homem.’ Eu compreendi o que ela quis dizer com a frase. Em geral mulher quando escreve neste país ou fica besta, pernóstica ou então mimosa, dengosa – ah! Tão delicada e sensível e artística! Você não.” (Acervo Lygia Fagundes Telles/Instituto Moreira Salles).

<sup>6</sup> Conforme Carlos Heitor Cony, em depoimento ao número dos *Cadernos de Literatura Brasileira* sobre Rachel de Queiroz, ela era uma espécie de tia ou madrinha de todos os seus sucessores (IMS, 1997, p. 16). Ver também Rodrigues (2003, p. A12): “A escritora cearense foi madrinha de Lygia na eleição para a ABL. ‘Eu dizia: Rachel, não vão votar em mim. E ela respondia: deixa por minha conta’.”

a escritora paulista, foi sua amiga, a acadêmica pioneira e precursora (eleita em 1977), que a ajudou a angariar os votos necessários para sua eleição, em 1985. Rachel, que afirma não ter feito campanha para sua própria candidatura à ABL e cuja eleição foi promovida pelos muitos amigos escritores que lá já estavam (Queiroz; Queiroz, 2004, p. 233-236), pôde exercer o papel de madrinha de Dinah Silveira de Queiroz (1911-1982) e depois de Lygia (e de todos, conforme Cony), dentro da instituição, cujo timbre encabeça muitas das mensagens escritas pela imortal paulista à imortal cearense. Conforme vimos, Lygia foi a terceira mulher a integrar essa academia, sucedendo Rachel e Dinah, o que cumpria as previsões da amiga Clarice Lispector, em bilhete de novembro de 1977: “Fiquei muito contente com o fato de Rachel de Queiroz entrar na ABL. Se eu tivesse poder, daria a segunda vaga a Dinah Silveira de Queiroz que conseguiu para a mulher brasileira um lugar ao sol. Embora eu não deseje a morte de ninguém, sugiro que a terceira vaga seja preenchida por Lygia Fagundes Telles” (Lispector, 2020, p. 786).

Em seu discurso de posse, em 1987, Lygia expressou o sentimento que a une às duas escritoras que a precederam na ABL:

A mesma paixão nos une: a paixão da palavra. A mesma luta tecida na solidão e na solidariedade para cumprir o duro ofício nesta sociedade violenta, de pura autodestruição [...].  
O duro ofício de testemunhar um planeta enfermo nesta virada do século. Às vezes, o medo. [...] Tem de vencer o medo para escrever esse medo. E resgatar a palavra através do amor, a palavra que permanece como a negação da morte (Telles, 1988, p. 15-16).

Na correspondência, assim como na literatura, a palavra das escritoras aqui em estudo é uma forma de resistência. Fazendo-se instrumentos e testemunhas de seu tempo, como costumava dizer Lygia, ambas publicavam suas crônicas nos jornais e em revistas, escreviam nos mesmos periódicos, entre eles *O Estado de S. Paulo* e a revista *O Cruzeiro* – Rachel com maior frequência, desde 1929, publicou ainda suas crônicas no *Correio da Manhã*, *O Jornal*, *Diário da Tarde*, *Última Hora*, *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, além de diversos jornais cearenses. Atuaram também em cargos nomeados nas áreas da Cultura – Rachel, de 1967 a 1985, foi membro do Conselho Federal de Cultura; Lygia presidiu a Cinemateca Brasileira, entre 1977 e meados da década de 1980 –, onde contribuíram por meio de seu olhar voltado para o desenvolvimento sociocultural do país, refletindo sempre a “funda consciência do ser-mulher” (Coelho, 2002, p. 552).

As duas ficcionistas, atreladas à prosa, à linguagem do cotidiano e ocupadas com narrar e descrever o mundo tal como o veem, dedicam-se a defender, cada uma a seu modo, o ofício da mulher de letras, então marcado pela constante capacidade de romper com os círculos do patriarcalismo. “Sou escritora e sou mulher – ofício e condição humana duplamente difíceis de contornar”, diz Lygia (Telles, 2002, p.156). Rachel, considerada “a primeira grande voz feminina do modernismo brasileiro” (Hollanda, 2005, p. 24), como vimos, já bendizia as diversas armas que Deus deu a Lygia, mas, quando falava de si, algo raro, era muito modestamente, como em uma crônica de 1955: “A pequena graça que me podem achar é neste jeito descansado de mulher do campo, que conta histórias do que conhece e do que ama” (Queiroz, 1989, p. 213). E, nesta de 1964, afirma: “Eu de mim confesso que sou dessas

anacrônicas; encontro no trabalho feminino um encanto, uma compensação, uma fonte de tranquilidade que nada mais me dá. Tiro uma espécie de equilíbrio do uso alternado do jornalismo e do crochê, literatura e bordado à mão, política e cozinha” (Queiroz, 1989, p. 77). Sabemos, entretanto, de seu vigor profissional, tendo ocupado a função de professora em tenra idade, assim como de dezenas de trabalhos como tradutora incansável, cronista, romancista, dramaturga e autora de livros infantojuvenis, das muitas causas que defendeu e que, no início de sua carreira, a levou a ter seus livros queimados, em 1937, e a ser presa, assim como Jorge Amado, durante o governo Vargas. Sua fortuna crítica não deixa de mencionar sua linhagem alencariana, de quem, além de ter-lhe revelado suas origens cristã-novistas, a ficcionista deve ter herdado o dom para o romance regionalista, mas também o gosto por narrar histórias de heroínas do sertão, das cidades que viu ou onde morou.

Enquanto Lygia reconhece, citando Norberto Bobbio, que “a revolução da mulher foi a mais importante revolução do século XX” (em “Mulher, mulheres”, *Durante aquele estranho chá*, p. 53), Rachel, que ao contrário de Lygia não se afirmava feminista, em entrevista ao *Diário da Noite*, em março de 1940, vai além:

Podem escandalizar-se os sociólogos e toda gente mais: para o século XXI, eu prevejo a vitória social das mulheres. As mulheres deixarão de ser o elemento secundário na sociedade e na família para assumir a vanguarda de todos os atos e de todos os acontecimentos. [...] Como já salientei, tudo indica essa evolução sensacional: as mulheres penetrando em todos os setores da atividade masculina. [...] E eu só queria viver mais 100 anos para ver a reabilitação definitiva das mulheres, tão certo como 3 e 3 são seis.<sup>7</sup>

Com o tempo, passam-se também as vontades, mas a história de Rachel seguramente reflete-se, mantidas as diversas diferenças entre a escritora vinda do campo e a da cidade, na de Lygia. Parte de sua memória comum está guardada em documentos de seus arquivos, em recortes de crônicas, depoimentos, em cartas, bilhetes e cartões, que passamos a analisar adiante.

## 2 Entre mensagens escritas e cartões-postais

“[...] on retrouve dans la carte postale le reflet de la transformation des mœurs, notamment l'émancipation de la femme”<sup>8</sup>  
(Ripert; Frère, 1983, p. 118)

A escolha da escritora se inicia pela caneta a utilizar (azul, preta, vermelha ou verde, seguindo critérios próprios), pelo papel em que grava sua mensagem (papel timbrado, se o assunto é oficial), feita quase sempre sem rasuras, versada diretamente. O uso frequente do cartão-postal ilustra a necessidade de registro sucinto, amparado pelo lugar de que se fala.

---

<sup>7</sup> Em “Daqui a cem anos... Como será o mundo”, *Diário da Noite*, mar. 1940. Conforme citado por Heloísa Buarque de Hollanda em “O *éthos* Rachel” (IMS, 1997, p. 112).

<sup>8</sup> “[...] encontra-se, no cartão-postal, o reflexo da transformação dos costumes, notadamente da emancipação da mulher”.

Nota-se que Lygia registra, nessas curtas mensagens à amiga, no Rio, uma relação de afeto e fraternidade, numa forma de reforçar vínculos e demonstrar interesses mútuos que confluem, ou ainda de situar-se no tempo e num lugar que lhes é comum.

O primeiro cartão foi enviado para o endereço residencial da “Excelentíssima Senhora Acadêmica”, à Rua Rita Ludolf, no prédio em que Rachel viveu grande parte da sua vida de escritora, no Leblon. Nele se registram as palavras de consolo de Lygia para a amiga, que então sofria a perda de seu grande companheiro por mais de quarenta anos, o médico goiano Oyama de Macedo, no ano de 1982. Mesmo não mencionando este acontecimento, o abraço carinhoso que Lygia lhe envia dialoga com a imagem do postal remetido de Portugal (com o carimbo de Belém), onde estava a amiga paulistana, confortando-a por meio da fé, pelas palavras manuscritas à tinta azul, como lhe era possível no momento, à distância. Na imagem, vê-se uma foto do Altar do Santo Cristo da Muralha, na Embaixada do Brasil em Lisboa.

Lisboa, 9/3/82

Rachel,  
minha querida,  
soube aqui. E queria neste momento abraçá-la muito afetuosamente. Sou sua sempre, a fiel  
Lygia Fagundes Telles

Lisboa, 9 de março

(Acervo Rachel de Queiroz/Instituto Moreira Salles)

Nesta primeira mensagem sucinta de Lygia, guardada por Rachel, a autora respeita o silêncio e a dor da amiga, preenchida pela ausência maior de seu companheiro – algo pelo que Lygia passara alguns anos antes, com a morte de Paulo Emilio Salles Gomes. Neste caso, as delicadas escolhas de Lygia têm, ao mesmo tempo, a maior e a menor relevância, considerando tanto a gravidade do acontecimento quanto o fato de que Rachel podia já ter se desligado dos preceitos religiosos que recebeu na juventude, sendo isso de menor valor para ela. Entretanto, o cartão foi recebido e mantido por Rachel, como registro da importância do momento, atribuída por ela a esta amizade. Desse modo, as escolhas, tanto da escritora quanto da leitora da mensagem, resistiram na memória, esta guardada no arquivo pessoal. Conforme Aline Ripert e Claude Frère (1983, p. 145):

*Choisir une carte postale à l'éventaire d'un marchand de souvenirs, l'acheter, l'enrichir d'un message personnel dans l'emplacement réservé à la correspondance, enfin, l'envoyer, sont autant de gestes insignifiants qui s'inscrivent dans les activités sans conséquences de la vie quotidienne. En fait, ces gestes que chacun d'entre nous accomplit à un moment ou un autre sans y attacher d'importance obéissent à un besoin fondamental, celui qu'éprouve tout homme d'affirmer son identité par contrôle du temps et de l'espace.*

*Marquer le lieu où l'on se trouve à un moment donné est une manière d'affirmer son existence.<sup>9</sup>*

<sup>9</sup> “Escolher um cartão-postal no acervo de um vendedor de suvenires, comprá-lo, enriquecê-lo com uma mensagem pessoal no local reservado para a correspondência, enfim, enviá-lo são gestos insignificantes que se inscrevem nas atividades sem consequências da vida cotidiana. De fato, esses gestos que cada um entre nós realiza num momento ou noutro, sem lhe dar importância, obedecendo a uma necessidade fundamental, aquela

Do tom grave desse primeiro registro, passamos a outros, espelhados nos postais e nas mensagens escritas de Lygia para Rachel, quando a escritora paulista ainda estava fora da Academia. Neste cartão de 30 de março de 1984, Lygia, presidente da Cinemateca Brasileira desde a morte de Paulo Emilio, em 1977, envia a imagem de um dos filmes do acervo, o drama romântico *Sangue mineiro*, de 1929, filme mudo, em preto e branco, com roteiro e direção de Humberto Mauro, que ela comenta rapidamente. O motivo da mensagem é a eleição do jornalista e professor Arnaldo Niskier (A. N., no postal) para a ABL, no dia 22 de março, onde depois foi recepcionado por fala de Rachel de Queiroz, em 17 de setembro do mesmo ano.<sup>10</sup> Lygia, que já almejava à própria candidatura, apoia a vitória do jovem acadêmico e, antecipadamente, as palavras de Rachel em homenagem ao intelectual carioca.

Lygia, enviando da Cinemateca de São Paulo o seu postal (quatorze anos depois ela envia novamente um postal igual), onde ocupa um cargo por atribuição e com o sentimento de dever pessoal, aproxima-se da próxima instituição de que fará parte, onde circularia mais segura do seu ofício, guiada pela amiga ali pioneira. De alguma forma, percebe-se que a negociação desse espaço de direito da escritora foi aos poucos sendo conquistada, de comum acordo desde sempre pela futura madrinha, que a considerava uma escritora pronta já nos anos 1940. Era preciso convencer também a maioria dos acadêmicos, o que logo conseguiria: em 24 de outubro de 1985 é eleita para a cadeira de número 16 (cujo patrono é o bardo satírico Gregório de Matos) e sua posse ocorre em 12 de maio de 1987.

A terceira mensagem do acervo é uma carta de Lygia, sem local, datada de 9 de julho de 1986, em papel timbrado da ABL. Já acadêmica, além de cumprimentar Rachel por suas conquistas, o que a preocupa nesta mensagem são assuntos íntimos, que compartilha com a amiga: sua nora grávida e doente no hospital, que infelizmente não sobreviveria após o parto. O outro assunto desta pequena mensagem, é uma matéria de *O Estado de S. Paulo*, que vincula (e opõe) as duas escritoras e à qual Lygia diz que respondera ao jornal por meio de carta. A premiação de Rachel era criticada no periódico, tendo em vista que, na década anterior, se negara a assinar o “Manifesto dos Mil intelectuais contra a censura” do AI-5, liderado, entre outros, por Lygia. O prêmio recebido por Rachel nesse ano, pelo qual a amiga a parabeniza, não é literário, mas sim de caráter diplomático, por suas realizações nacionais: do Exército, a Medalha do Mérito Militar do grau de Grande Comendador. Já no ano anterior, Rachel recebera a Medalha Rio Branco do presidente da República. Essas premiações, que então causaram alguma polêmica, refletem a interação da escritora no Conselho Federal de Cultura, como mencionamos antes, e são formas de reconhecimento político de sua personalidade, que tinha acesso a círculos muito além de seu ofício como cronista e jornalista. No contexto da recente reabertura política do país, sua reafirmação nesse cenário se mostra importante não apenas por

---

pela qual todo homem passa: afirmar sua identidade pelo controle do tempo e do espaço. // Marcar o lugar onde se encontra, num dado momento, é a maneira de afirmar sua existência.”

<sup>10</sup> V. “Discurso de recepção de Rachel de Queiroz a Arnaldo Niskier”. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/arnaldo-niskier/discurso-de-recepcao>. Acesso em: 23 jun. 2021.

seu caráter individual (Rachel publicaria seu próximo grande romance, *Memorial de Maria Moura*, em 1992), mas também coletivo, considerando rumores de sua amizade com Castelo Branco e de seu apoio à conspiração inicial do regime (IMS, 1997, p. 28-30)<sup>11</sup>.

No segundo parágrafo, que ocupa o verso da carta, Lygia associa a aflição que sente por ter sua nora hospitalizada à irritação pela insistência do jornal sobre sua opinião quanto aos comentários a respeito de Rachel, no Caderno 2. Espirituosamente, a escritora cearense (que se tornaria cronista do Estadão a partir de 1988) tem direito a uma resposta anônima, na seção “Recado dos Leitores”, no dia 12 de julho, com sua foto sorridente e a conclusão: “dois pesos, duas medidas” (*O Estado de S. Paulo*, 12 jul. 1986, Caderno 2, p. 2)<sup>12</sup>. É uma contrarresposta a uma carta assinada por Ignácio de Loyola Brandão (cronista do jornal após 1993), em que ele esclarece sua crítica ao prêmio de Rachel, tendo em vista o posicionamento dela pela censura militar e de não apoio ao Manifesto dos Mil em defesa dos escritores e intelectuais, de 25 de janeiro de 1977. Na contrarresposta do jornal (favorável a Rachel), a título de comparação, é dito que o artista e escritor Ziraldo, que não foi chamado de reacionário na época, também não quis assinar o Manifesto, então considerado pouco sério por eles. Dessa forma, o jornal a defende contrapondo uma questão de gênero. Ziraldo, amigo e ilustrador de livros de Rachel, seria a figura em contrapeso para equilibrar a balança desse juízo e encerrar a pequena polêmica. E, ironicamente, com uma foto sorridente da polemizada.

Se a mensagem em defesa de Rachel é a mesma referida por Lygia, não sabemos. Mas, por meio desta carta de 1986, a autora de *Seminário dos ratos* desvincula as duas críticas à amiga escritora, sabendo que uma escolha feita no passado não decide o merecimento pelo prêmio recebido, que não era apenas político. A falta da assinatura de Rachel no “Manifesto dos Mil” não modificou o sentido maior do ato, que se realizou da mesma maneira, com a ida de Lygia e Nélida Piñon, entre outros intelectuais, ao Planalto, do que muito se orgulha a escritora paulista.<sup>13</sup>

Na quarta mensagem de Lygia no acervo de Rachel de Queiroz, encontramos um postal enviado ao deixar o Rio, após uma estada no Hotel Glória. A foto impressa no cartão, feita da praia, deixa ver o mar sob um céu radiante, banhistas, a vegetação e parte da paisagem urbana carioca. Datado de 20 de outubro de 1990, manuscrito em azul no envelope e no postal, traz uma mensagem saudosa de Lygia, que visa apenas manter contato e comunicar sua busca por falar com Rachel enquanto estava na cidade. Lygia publicara seu último romance no ano

<sup>11</sup> Sobre a trajetória de Rachel, de comunista a integralista, “do socialismo libertário de *Caminho de pedras* às crônicas recentes de espírito conservador”, ver a consistente leitura apresentada por Alfredo Bosi, em *História concisa da Literatura Brasileira* (2006, p. 423-424).

<sup>12</sup> Não há registro, no acervo, da mencionada carta de Lygia ao *Estadão*, que pode não ter sido publicada.

<sup>13</sup> V. crônica “Conspiração de nuvens”, em que Lygia conta que o convite para a organização da comissão que levaria o manifesto a Brasília foi de Rubem Fonseca (Telles, 2007, p. 59-65). O documento, já assinado por Antonio Candido e Sérgio Buarque de Hollanda, estava sendo negociado pelos intelectuais a partir do Rio, de onde Lygia, Hélio Silva, Nélida Piñon e Jefferson Ribeiro Andrade seguiriam para a entrega ao ministro da Justiça, Armando Falcão.

anterior, *As horas nuas*, e Rachel nesse ano de 1990, lança pela José Olympio as suas obras completas. Certamente as duas escritoras tinham muito a comemorar.

Essa mensagem pode ser lida como expressão da necessidade de mostrar-se viva à amiga, plena de vitalidade, assim como o cenário ilustrado na imagem do cartão, próprio do tempo da primavera. Frustrada a comunicação telefônica, o postal registra, para uma longa data e outros leitores, esse momento de procura e permite que essa expectativa de marcar sua presença na vida de Rachel não se perca (Ripert; Frère, 1983, p. 16).

O endereço no envelope é de Lygia em São Paulo, mas o postal (para eventual resposta de Rachel, que não haveria) e o carimbo, de 21 de outubro, confirmam que ela estava no Rio ainda quando escreveu essa mensagem. No intervalo, já projetando a partida e sabendo que não poderá rever a amiga, Lygia reforça o sentimento incontornável de marcar esse tempo em que esteve com a lembrança de Rachel consigo, documentando-o para a posteridade.

A carta seguinte, postada de São Paulo, em 16 de novembro de 1993, manuscrito em preto em papel timbrado da ABL, lamenta a morte de dois escritores, o filho de Graciliano, Ricardo Ramos (1929-1992), e o irmão de José Olympio, Antonio Olavo Pereira (1913-1993). Além disso, a mensagem traz junto um texto de Lygia sobre Mário de Andrade (1893-1945), amigo em comum e sobre o qual o professor e crítico Fábio Lucas organizara uma coletânea de depoimentos em comemoração de seu centenário. Esse texto de Lygia, “Foi o que lhe disse durante aquele estranho chá” (Telles, 1993, p. 53-57), depois reeditado em *Durante aquele estranho chá* (2002), relata um encontro da escritora com Mário, que então lera o segundo livro dela, *Praia viva*, publicado em 1944. Nesse encontro, o poeta teria lhe entregado uma carta com comentários sobre o livro, mas Lygia nos conta que perdeu essa carta, hoje apenas um espectro mariodeandradiano no conjunto epistolográfico lygiano.

Nesta mensagem a Rachel, que no dia seguinte completava 83 anos, Lygia reúne o sentimento de perda à memória da passagem de grandes escritores amigos, procurando demover o pensamento de Rachel, expresso publicamente em entrevista, de que “a condição humana não tem mesmo uma natureza aproveitável, a raiz não presta” e que há exceções surpreendentes que fogem à regra. Para Lygia, há sempre a esperança que vigora, por isso para ela não se pode generalizar, as boas realizações vindo de toda parte. Modesta e indiretamente, já escritora madura, ela se faz de exemplo e se coloca de novo na pele da jovem estreante que fora, quando recebera o incentivo de Mário de Andrade, e assume a falta que sente dos estímulos do escritor e editor Antonio Olavo. De forma branda e como numa conversa na pequena chacinha feminina da ABL, Lygia, que tem plena crença em Deus e na força da palavra empenhada, dialoga com Rachel, ateuista e cética, sobre acontecimentos inescapáveis, sobre a vida e a morte. Conversa sobre questões existenciais, crenças e escolhas que falam fundo de sua produção literária, bem como da insegurança que de forma destemida oculta do leitor.

Nessa carta que parece apenas discutir questões do cotidiano das escritoras, perdas de amigos em comum, publicações, entrevista, Lygia envia a Rachel duas partes de si: “dessa jovem das *Cartas ao Mário*” e “da sua Lygia”, a atual, a que Rachel conhece desde sempre e

com quem debate questões de vida e morte, centrais para todo escritor. Pensando diferente sobre diversos aspectos, assuntos políticos, filosóficos ou mesmo escolhas literárias (como escrever ou não cartas), Lygia mantém sua correspondência ativa com a autora de *Falso mar, falso mundo* (que nesse ano de 1993 fora premiada duplamente, com o Camões e o Juca Pato), em mensagens sucintas mas repletas de afeto e compreensão.

A sexta mensagem do conjunto, mais um cartão-postal de São Paulo, 17 de março de 1997, manuscrito em azul em envelope timbrado da ABL, traz a imagem do quadro *Olympia* (1863), de Édouard Manet, que faz parte do acervo do Musée d'Orsay, em Paris. O texto bem-humorado de Lygia dialoga com a tela de Manet, opondo à nudez de Olympia o decoro das duas escritoras retratadas na Agenda Cultural da Secretaria da Cultura, dias após a comemoração do Dia Internacional da Mulher.

No ano em que Lygia obteve, do Ministério da Cultura francês, o título de Chevalier de l'Ordre, des Arts et des Lettres (um mês antes, em fevereiro; a medalha seria pessoalmente recebida por ela na França, em 1998), a escritora modernista não se priva de fazer humor com o pintor impressionista francês, quanto aos detalhes acessórios que pouco cobrem a jovem retratada, deixando, no entanto, à margem do cartão a discussão sobre a empregada negra bem-vestida e adornada com lenço e brincos, que, procurando o contato visual de Olympia, lhe traz um grande ramallete enviado por um amante. Olympia, no entanto, está entregue, no olhar e na postura, ao retratista e, por extensão, ao expectador da pintura. Ao pé da cama, um gato preto que apenas parte do cartão nos permite ver, pouco nítido devido à frágil policromia da impressão ou ao apagamento gradativo operado pelo tempo, em imagem frontal, alinhado assim como a mulher que acompanha a retratada principal. Não temos a imagem de Rachel e Lygia estampada na Agenda Cultural, mas decerto em nada mais dialoga com a pintura de Manet, que é feita assunto devido ao cuidado constante que Lygia tem de estabelecer uma relação entre meio e texto, forma e fundo do que torna objeto literário. A nudez feminina é por ela celebrada na arte, mas de forma crítica, enquanto Lygia transmite a Rachel mais uma mensagem de amizade e registra a comemoração de suas conquistas, assim como as diárias de todas as mulheres.

O postal seguinte, enviado de São Paulo, em 7 de setembro de 1998 (sétima mensagem do acervo), que pela primeira vez, traz um pedido a Rachel, repete a mesma imagem que comentamos antes, em cartão datado de 30 de março de 1984, da Cinemateca Brasileira, em São Paulo. O filme *Sangue mineiro* não é desta vez comentado por Lygia, que faz do cartão em duplicata apenas instrumento portador do voto para a eleição na ABL, o qual Rachel encaminharia em sua ausência.<sup>14</sup> Trata-se, provavelmente, da escolha do presidente da

---

<sup>14</sup> Esse instrumento se tornou possível aos que não residem no Rio de Janeiro, graças à emenda ao Regimento Interno da ABL proposta por Lygia Fagundes Telles e aprovada pelo então presidente, Josué Montello. V. ABL, Parecer de Josué Montello, de 4 dez. 1995, Acervo Lygia Fagundes Telles/Instituto Moreira Salles, registrado em sua correspondência pessoal, BR IMS CLIT LFT Cp, cód. 014864. Quanto à posse mencionada no início da mensagem (“de nosso amigo Ricardo”) não se pôde identificar, tendo em vista que não há registro de membros eleitos na ABL nesse ano de 1998.

instituição nesse ano, Arnaldo Niskier, função que ocuparia até 1999. Nesse cartão, Lygia informa sua viagem à Suécia, para onde seguiu com outros escritores brasileiros, entre eles Ana Miranda, e pôde, além de participar do Congresso Internacional, conhecer a sede da Academia Sueca, na qual o prêmio Nobel é concedido.

O oitavo documento do acervo, datado de 4 de julho de 2003, é um bilhete muito simples de Lygia, que do Rio entrega a Rachel um cartão manuscrito em azul, em papel timbrado da ABL. Apenas pela mensagem escrita, não é possível saber se esse cartão acompanhava algum presente, flores, livro ou outro objeto não mencionado. O que sabemos é que Lygia, com o mesmo tratamento afetuoso de costume, reforça seus laços de amizade com Rachel, quatro meses antes da morte da escritora cearense.

As duas últimas mensagens registradas como de Lygia e guardadas no acervo de Rachel no IMS não estão datadas e destoam do conjunto. Esta, um cartão-postal enviado da Itália, manuscrito em azul, traz no verso uma ilustração intitulada *L'Oiseau Bleu Train Pullman* (extraída de cartaz de 1929, do artista franco-ucraniano A. M. Cassandre [1901-1968]).<sup>15</sup> O postal da Cie. des Wagons-lits Chemins de Fer du Nord, que percorre o trecho Anvers-Bruxelles-Paris, refere-se ao trem de luxo Pullman, considerado na época tão rápido quanto um pássaro azul, imagem retirada da peça homônima do dramaturgo belga Maeterlinck (1862-1949). A considerar que esta mensagem precede a anterior, visto que retornaria de viagem ainda em julho, também podemos lê-la como uma despedida de Rachel, sem saber que meses depois a imortal cearense partiria eternamente.

O(A) autor(a) da mensagem não introduz seu texto como antes, “Rachel querida” ou “Minha querida Rachel”. Não temos resposta de Rachel para confirmar se esta mensagem é mesmo de Lygia. Considerando que este texto sem data se volta para a saúde da escritora, de imediato, diferentemente das cartas e cartões anteriores, sabemos que seu estado de saúde era frágil. Distante, na Itália, o(a) autor(a) da mensagem resumiria em poucas palavras o motivo e o sucesso de sua viagem, sobre a qual não nos oferece mais detalhes e encerra o cartão, com letra apressada e uma assinatura, que tende a uma rubrica, algo também incomum em sua correspondência. Seria esta mensagem mesmo de Lygia? Não é possível precisar, não há o envelope que, em outros casos, Rachel guardava junto com suas cartas. Considerando que seja de 2003, é possível que o documento tenha sido arquivado não por Rachel, mas por outra pessoa, que o conservou junto com outros papéis da escritora, no Rio de Janeiro e atribuiu a autoria como entendeu ser o correto.

Se Lygia, ou o autor não identificado, estava em viagem, esperava voltar em julho e, quem sabe, rever sua correspondente. Mas, como Rachel sabia, “a morte é a amante dos moços e a companheira dos velhos”. Em novembro de 2003, esta chegou para a madrinha de todos os escritores na Academia, deixando-lhe, também, um último postal:

---

<sup>15</sup> A imagem do cartaz original pode ser vista em: <<https://www.vmfa.museum/piction/6027262-8524474/>>. Acesso em: 28 jun. 2021.

Para os jovens, ela é abismo e paixão. Para nós, [a morte] foi se tornando pouco a pouco uma velha amiga, a se anunciar devagarinho: o cabelo branco, a preguiça, a ruga no rosto, a vista fraca, os achaques. Velha amiga que vem de viagem e de cada porto nos manda um postal, para indicar que já embarcou (Queiroz, 2021, p. 105).

O décimo e último documento do acervo de Lygia para Rachel no IMS é um telegrama, em papel impresso dos Correios, que supomos ser datado de 11 de fevereiro de 2001. A mensagem em curtas frases expressa a linguagem típica dos telegramas, raros hoje em dia. Nela, a autora apenas parabeniza Rachel por uma de suas crônicas publicadas em *O Estado de S. Paulo*.

Conforme vimos, desde os anos 1980, Rachel era colaboradora do jornal *O Estado de S. Paulo*, no qual, em anos mais recentes, mantinha uma coluna no Suplemento Feminino intitulada “Cá entre nós”. Considerando que o telegrama tenha sido enviado em 11 de fevereiro de 2001, possivelmente, Lygia refere-se à crônica “Imagens e truques”, publicada nesse jornal, de 10-11 de fevereiro (Queiroz, 2001). Trata-se de um texto bem-humorado, em que, num diálogo com “um homem que gosta de conversar”, a narradora discute do ponto de vista científico a impossibilidade de vida fora do planeta, enquanto seu interlocutor, crente na vida de seres superiores fora da Terra, descrê das imagens transmitidas pela TV americana em torno das viagens espaciais à Lua. De conspiração diplomática a fraude da mídia, ele faz objeções às intervenções da narradora, que recebem imediatamente explicações implausíveis do homem versado em ficção científica, que acredita na existência de homens interplanetários.

Lygia, que coloca sob suspeição o juízo sobre a presença de vida além da conhecida, já antes relatara ter visto um objeto não identificado sobrevoar o céu de Ubatuba, em 1969. Da opinião de que “uma escritora não pode se recusar a dar testemunho de fatos do seu tempo” (Telles, 2010, p. 181-183), expressa-se de imediato, por telegrama, sobre os escritos da amiga, cronista no Rio. Enquanto a narradora lygiana de “Disco voador” faz seu depoimento por escrito, às expensas do julgamento comum masculino (de quem viu, mas não quis pôr à prova), a narradora de Rachel discute com o seu interlocutor verborrágico quanto a suas interpretações sobre o que ocorreu durante as projeções das viagens espaciais projetadas pela TV americana (vistas em registros televisivos por todos, mas de que muitos desconfiavam). Como testemunhas das revoluções de seu tempo e de sua sociedade, crédulas diante do desconhecido ou incrédulas frente a determinadas posturas dos seres humanos, as duas escritoras emprestam a sua pena a fazer seu público refletir sobre o que existe ou pode existir, além de nossos sentidos e de nosso alcance, e sobre o que projetamos por meio de nossa memória e de nossa imaginação.

A correspondência de Lygia para Rachel, hoje conhecida, resume-se aos dez itens aqui analisados. Bilhetes, cartões, telegrama, todos mensagens breves, registros de um longo tempo de convívio, à distância, com intervalos às vezes de muitos anos. No caso dos cartões-postais, sua mensagem traz uma tripla função comunicativa: de dimensões variadas, uma foto ou uma ilustração que representa lugares ou obras vistas; uma mensagem escrita e, por fim, o endereço do destinatário, quando não recoberto por um envelope. Com um espaço reduzido para o texto (como numa mensagem eletrônica), o postal restringe a comunicação ao limite essencial. Mas

se o endereço fica reservado ao envelope, Lygia ocupa com sua bela caligrafia todo o cartão, ampliando os limites de sua mensagem. Transmitindo votos, rápidas notícias familiares, agradecimentos ou dando o paradeiro de onde está, a escritora paulista faz-se de alguma forma presente na vida da amiga cearense no Rio. Esta, por sua vez, mesmo sem responder-lhes, hábito que não tinha, guardou em sua coleção pessoal estas cartas, como objetos-fetiche, lembranças ou amuletos vindos de um lugar sagrado ou de lugares, muitas vezes, desconhecidos.

## Considerações finais

“Amor não precisa de carta, de telefonema, nem retratos. Pois, como uma coisa imperecível poderia depender das perecíveis?”  
(Telles, 2010, p. 181-183)

Mais de uma década separa tanto o nascimento quanto a estreia literária destas grandes escritoras, afastadas também por momentos diversos do Modernismo no Brasil. Entretanto, suas buscas literárias sendo semelhantes, entre elas a da representação da mulher sob o ponto de vista feminino, elas encontraram-se para sempre dentro da literatura e da academia. Por meio da afirmação comum de uma vocação a que lhes era impossível se privar, manifestada desde a infância, no interesse que tinham pelas narrativas ouvidas de pajens e criadas, e depois transpostas para suas próprias obras, ainda na adolescência. Seus rituais de iniciação literária e de socialização no meio editorial foram semelhantes, tendo passado pelos mesmos jornais, revistas e editoras, e frequentado os mesmos círculos modernistas, até a entrada para a ABL, onde se viam com frequência. As mensagens escritas que aqui analisamos, produzidas entre 1982 e 2003, propiciam uma leitura dessa amizade literária, que soube se mostrar no essencial, mesmo diante de diferentes caminhos ou ventos contrários.

Lygia Fagundes Telles, ao escrever a Rachel de Queiroz, entrega parte de si, de seu estado de espírito, de sua escrita feita no âmbito doméstico da correspondência. Mesmo em documentos curtos, do cotidiano, a carta lygiana, como ato de escrita, é registro de um “verdadeiro encontro intersubjetivo” entre as duas escritoras; como define Eric Landowski, essas mensagens são uma “forma de *presentificação atual* dos sujeitos enquanto parceiros do ato semiótico que consiste em ‘se escrever’” (2002, p. 167-168). Assim, Lygia insere-se no círculo de convivência íntima de Rachel, partilhando de seus momentos de dor, de alegria, suas conquistas pessoais e literárias, nem sempre registradas pela cronista em sua obra de ficção. Na falta da interlocução epistolar, trouxemos para nossas reflexões mensagens de Rachel à Lygia feitas em suas crônicas, que, no entanto, não eram lidas somente pela amiga, mas pelo público de jornais e revistas, do Rio e de São Paulo, todos de grande circulação. Se, como afirma em depoimento para sua biografia, nunca escrevia cartas, por outro lado, dedicava seus dias às crônicas, gênero literário muito cultivado pela escritora no exercício do jornalismo, cuja produção, ainda que preencha muitos volumes reunidos em vida, por ela mesma ou por seus críticos, é tão prolífica que sem dificuldades encontramos diversos textos inéditos nos vários

periódicos para os quais contribuiu (revistas *Manchete*, *Cruzeiro*, nos jornais *A Manhã*, *O Estado de S. Paulo*, para citar apenas alguns).

Ao comentar “a capacidade epistolar de Mário” de Andrade, Rachel observa que o amigo se irritava com ela por seu hábito de não responder às cartas que recebia. “A mim, por exemplo, dava as maiores espinhações porque eu não respondia às suas cartas. Logo eu, que nunca escrevo para ninguém” (Queiroz; Queiroz, 2004, p. 129). Isso explica a menor presença de correspondência escrita por ela em seu arquivo e a inexistência de qualquer carta sua no arquivo de Lygia. No entanto, pelo depoimento de Maria Luíza de Queiroz, sabemos que, na juventude, Rachel era uma assídua correspondente familiar, recebia cartas de sua mãe, quando já morava em outra cidade e respondia a todas elas. Era a sua forma de saber o que acontecia em casa e, por parte da família, “eram as cartas de Rachel que, lidas em voz alta, nos traziam as cores de outros mundos e, num paradoxo, nos ancoravam no cotidiano” (Queiroz; Queiroz, 2004, p. 101-102). A própria Rachel de Queiroz, em entrevista aos *Cadernos de Literatura Brasileira*, confirma que sua fase epistolar, mais restrita aos diálogos familiares, se encerraria com a vinda da mãe e da irmã para o Rio (IMS, 1997, p. 32).

Assim mesmo, seu acervo de correspondência não é pequeno (mais de 3 mil registros no arquivo do IMS, incluindo correspondência de parentes e documentos epistolográficos de terceiros guardados por ela ou pela família) e se encontra bastante organizado, mostrando o zelo que a escritora tinha pela sua documentação literária e o apego pelas mensagens recebidas, de amigos, familiares, entre outros. Se Rachel não tinha o hábito de responder por cartas, usou sua pena da forma com que tinha mais familiaridade, tendo escrito crônicas sobre os amigos e suas obras.

Por meio de suas crônicas, sabemos muito sobre Rachel e o que pensava de sua amiga Lygia, que mesmo sem resposta, escrevia esporadicamente à madrinha. Pouco afeita ao gênero memórias, pois, para Rachel, “Memórias é um gênero muito pouco sincero: você apresenta ao público a pessoa que você gostaria de ser” (IMS, 1997, p. 39), foi com certa resistência que se entregou à irmã em *Tantos anos*, que ali deixa tantas lembranças de sua juventude e de seu ofício. Lygia, que desde 1980, com *A disciplina do amor*, se rendeu ao gênero, por sua vez, não tem um texto ficcional sobre a amiga cearense. Trata-se, portanto, de mais um diálogo triangular, na obra lygiana, de cujos laços de gratidão com a mestre cearense apenas sua correspondência nos permite resgatar o registro.

Questionamentos comuns, metalinguísticos, partilhados pelas duas ficcionistas, movem suas obras, construídas de modos diversos, porém ambas em torno de personagens femininas fortes, em busca de liberdade, afirmação, realização pessoal. Diante das opressões com que as diversas mulheres de seus livros têm de lidar, tal qual no mundo moderno em que vivemos, nem sempre suas buscas são logradas ou obtêm o mesmo sucesso, como alcançado pelas duas escritoras.

## Referências

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Parecer de Josué Montello*, Rio de Janeiro, 4 dez. 1995. Acervo Lygia Fagundes Telles/Instituto Moreira Salles.
- ARROU-VIGNOD, J.-P. *Le Discours des absents*. Paris: Gallimard, 1993.
- ARTIÈRES, P.; LAÉ, J.-F. *Archives personnelles: histoire, anthropologie et sociologie*. Paris: Armand Colin, 2011.
- BOSI, A. *História concisa da Literatura Brasileira*. 43.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- COELHO, N. N. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- GONÇALVES FILHO, A. Rachel de Queiroz e Lêdo Ivo no acervo do IMS. Caderno 2, *O Estado de S. Paulo*, 21 out. 2006, p. D6.
- HOLLANDA, H. B. de. Como entender R. Q. In: *Rachel de Queiroz*. Rio de Janeiro: Agir, 2005. (Nossos Clássicos).
- INSTITUTO MOREIRA SALLES. *Cadernos de Literatura Brasileira*, n. 4: Rachel de Queiroz. São Paulo, 1997.
- INSTITUTO MOREIRA SALLES. *Cadernos de Literatura Brasileira*, n. 5: Lygia Fagundes Telles. São Paulo, mar. 1998.
- LANDOWSKI, E. A carta como ato de presença. *Presença do outro: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 165-181.
- LISPECTOR, C. A Lygia Fagundes Telles. *Todas as cartas*. Prefácio e notas de Teresa Montero. Posfácio de Pedro Karp Vasquez. Pesquisa textual e transcrição de Larissa Vaz. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- QUEIROZ, R. de. Livros. In: Revista *Cruzeiro*, 19 mar. 1955, p. 98.
- QUEIROZ, R. de. Discurso de recepção de Rachel de Queiroz a Arnaldo Niskier. ABL, Rio de Janeiro, 1984. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/arnaldo-niskier/discurso-de-recepcao>>. Acesso em: 23 jun. 2021.
- QUEIROZ, R. de. Academia: Lygia Fagundes Telles (Depoimento). *Leia*, Rio de Janeiro, 1985, p. 6. Arquivo Rachel de Queiroz/Acervo IMS. Código de referência BR IMS CLIT RQ RQ Pim – Autoria Rachel de Queiroz. Disponível em: [http://fotografia.ims.com.br/literatura/#1551598874482\\_110](http://fotografia.ims.com.br/literatura/#1551598874482_110). Acesso em: 2 mar. 2019.
- QUEIROZ, R. de. *100 crônicas escolhidas. O Caçador de Tatu*. Org. Herman Lima. Prefácio de Paulo Rónai. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989. (Obra reunida, v. 4).
- QUEIROZ, R. de. A menina de São Paulo. In: Suplemento Feminino, *O Estado de S. Paulo*, 26-27 abr. 1997, p. 2.
- QUEIROZ, R. de. Imagens e truques. In: Suplemento Feminino, *O Estado de S. Paulo*, 10-11 fev. 2001, p. F2.
- QUEIROZ, R. de. *Falso mar, falso mundo*. São Paulo: Arx, 2002.
- QUEIROZ, R. de. *Cem crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.
- QUEIROZ, R. de; QUEIROZ, Maria Luíza de. *Tantos anos: uma biografia*. 4. ed. São Paulo: Arxs, 2004.
- RECADO dos leitores. *O Estado de S. Paulo*, Caderno 2, p. 2, 12 jul. 1986. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19860712-34161-nac-0058-cd2-2-not/busca/Lygia+Fagundes+Telles>. Acesso em: 23 jun. 2021.

## LINHA D'ÁGUA

RIPERT, A.; FRÈRE, C. *La Carte postale: son histoire, sa fonction sociale*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon; Paris: Éditions du CNRS, 1983.

RODRIGUES, K. Intelectuais se despedem de Rachel. *O Estado de S. Paulo*, de 5 nov. 2003, p. A12. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20031105-40195-spo-11-ger-a12-not/busca/Rachel+Queiroz>. Acesso em: 16 jun. 2021.

TELLES, L. F. *Porão e sobrado*. São Paulo: Cia. Brasil Editora, 1938.

TELLES, L. F. *Praia viva*. São Paulo: Martins, 1944.

TELLES, L. F. *Posse na Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

TELLES, L. F. Foi o que ele disse durante aquele estranho chá. In: LUCAS, Fábio (org.). *Cartas a Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p. 53-57.

TELLES, L. F. *Durante aquele estranho chá: perdidos e achados*. Org. Suênio Campos de Lucena. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

TELLES, L. F. *Conspiração de nuvens*. Org. Suênio Campos de Lucena. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

TELLES, L. F. *A disciplina do amor: memória e ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

VERISSIMO, E. Carta a Lygia Fagundes Telles. Porto Alegre, 24 jan. 1959. Acervo Lygia Fagundes Telles/Instituto Moreira Salles.